

O que nos fêz e faz sermos matemáticos, professores de matemática? Certamente não será o ficarmos ricos, famosos, reconhecidos socialmente ou socialmente valorizados... Ninguém chamaria um matemático (reconhecido socialmente como alguém inteligente, inclusive) sequer para trocar uma resistência de chuveiro!

O que nos faz sermos matemáticos não deve ser, acredito, apenas alguma coisa nossa: tem que ser alguma coisa da Matemática também, e muitos de nós logo nos identificamos com uma ciência onde tantas teorias se encaixam, onde tantas fórmulas "dão certo", onde resultados envolvendo conceitos complexos podem ser belos, estranha e singelamente belos!

E, de novo, para muitos de nós, foi a formação: o estudo de uma teoria geral e de teorias elegantes, complementares, e que, quando a gente finalmente as compreendia, teorias que "faziam sentido matemático".

Mas chegamos à sala de aula das escolas e, no mundo das contas e dos números que os alunos gostam de chamar de "quebrados", a vida nos mostrou uma outra realidade: aprendemos (os muito mais antigos) algoritmos para o cálculo de raízes quadradas - e a vida nos pedia raízes sétimas! decoramos senos e cossenos dos principais ângulos e as regras de combinação deles para obter tantos outros - e a vida nos pedia algo mais "quebrado" ainda! E os números irracionais, em quantidade infinita não enumerável se revelaram tão pouquinhos e as contas me condenaram a viver apenas com números decimais, inventados depois da descoberta do Brasil pelos portugueses! Uma reviravolta e uma ruptura - ou não: junto com essa reviravolta aparecem novos conceitos de densidade, de recursos e regras de aproximação, convenientes mudanças de variáveis. Mas permaneceu um aspecto do choque: a matemática verdadeira, absoluta, infalível, única é a das abstrações. No mundo real descobrimo-la aproximada, inexata, subjetiva e, felizmente, surpreendente e assustadoramente desafiante. Ou seja, a beleza "se mandou" e nos deixou com o susto, o sangue, o suor e o giz esfarelento!

Num Encontro como este, uma de nossas principais atividades deve ser a de renovar o gosto por esses desafios, pelas perguntas que faz a sociedade aos nossos alunos, tanto os que irão ser, também, matemáticos quanto para toda a imensa multidão dos outros: que irão comerciar, viajar, votar, escolher, dever e pagar, priorizar. Esse nosso desafio é o de sermos capazes de trabalhar com a matemática que nos encantou, mesmo para alunos a quem ela não encantar - mas que, de qualquer modo, dela vão precisar em seus exercícios cidadãos. Pois é, com essa carga em cima, descobrimo-nos tão falhos! E com saudades do tempo em que era o TANGRAM que a gente não sabia... Hoje não, temos o Cabri, o Matlab, planilhas, materiais didáticos tri-dimensionais para ilustrar ângulos sólidos e softwares de imagens que simulam evoluções em espaços e condições quadri-dimensionais!

Esse enfrentar de novidades (algumas boas, que ficam!) permanece o desafio da escola, nunca só do professor, e permanece também o desafio de nossas estruturas de ensino, de modo que sejamos todos, e de modo sistêmico, responsáveis por uma formação para agir em comunidade, no mundo de nossos cotidianos.

Haveria boas regras para agirmos assim, como escola, como equipe de professores, como diretorias de ensino? Claro que não: teremos que continuar sempre como os alunos que fomos: os que se convenceram e se deixaram seduzir pela matemática de nossas vidas escolares cabe-nos continuar a ouvir e redescobrir, construir e invadir, estimular e dificultar... Uma formação continuada, sim, que vem da necessidade profissional. Temos, sim, de ser transversais. Temos a obrigação de sermos etnográficos, temos a obrigação de trocar de teoria didática conforme a necessidade e o momento: teremos de ser, e muitas vezes, logicistas, construtivistas, intuicionistas, formalistas... Temos a obrigação de substituir as contas de chegar pelo uso de máquinas de calcular e computar (e repetir!), e temos a obrigação assumir em conjunto essa nossa formação continuada.

Precisamos de novas matemáticas freqüentando nossas aulas, a matemática discreta, os grafos, a algorítmica, e nossos alunos devem ser, como nós, aprendedores de matemática, para quem o conteudismo transmissor se tornou apenas um dos aspectos do construir e produzir conhecimentos. Como fazer isso em aulas que nunca serão como as propagandas de margarina? Como fazer isso se não podemos (nem devemos) fazê-lo sozinhos? Mas os nossos desafios não param por aí: o tempo todo, continuamos sabendo que não temos escolha: temos que ser muito bons no que fazemos!

Isso deve caracterizar, também, nosso Encontro Regional de Professores de Matemática: estamos juntos para redescobrir prazeres, reconhecimentos, possibilidades, riscos e para reassumir que nos motiva ver nossos alunos aprenderem a viver e, nessa aventura, usarem bem a Matemática.